

Senado Federal

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Cortar na carne

• É grave a crise no Senado, mas ela não é uma crise do Senado. É uma crise política, ali instalada porque ali estão os atores principais da coalizão governista em decomposição. É também do governo, cujo líder na Casa também arde na fogueira. Volta ainda o governo a pelejar na Câmara, com as armas de sempre, contra novo risco de CPI. Já o Senado, só se salva com solução dolorosa.

Esta crise entrecortada por tensões, surpresas e dias eletrizantes como o de ontem, parece ter chegado agora a um ponto curioso, o de sua manipulação pelas próprias forças envolvidas. Um perigo, brincar com fogo. Do contrário, terá sido mera coincidência a divulgação, ontem, do laudo da Unicamp e dos depoimentos de funcionários confirmando que o painel de votação secreta foi violado na cassação de Luiz Estevão, sob a presidência de ACM. Exatamente ontem, um dia depois da reação do presidente da Casa, Jader Barbalho, às mais recentes acusações de envolvimento seu com um esquema de corrupção. Ontem, Jader passou de caçado a caçador, presidiu com desenvoltura a sessão nervosa em que ACM e o líder do governo, José Roberto Arruda, provaram a defensiva. ACM sugeriu aos procuradores que teve acesso à lista de votações, deflagrando a investigação. A diretora demitida do Prodasen, Regina Borges, declarou ter recebido de Arruda o pedido de alteração no sistema eletrônico, e ter recebido depois um agradecimento telefônico de ACM. Ambos negaram com veemência, mas a perícia confirmou a violação. O problema agora é só saber quem encomendou o crime. Desta o Senado não sai com panos quentes ou compressas, só com o chamado "cortar na carne".

Coincidência também que, ontem, dois senadores do PMDB tenham resolvido

assinar o requerimento de CPI, propiciando as 27 assinaturas de que precisava a oposição. Falta ainda conseguir umas 30 na Câmara, mas só a hipótese de isso acontecer é um tormento para o governo, que ameaçado, retoma os laços de solidariedade para com os aliados. Principalmente com aqueles caídos em dificuldades, como Jader e o PMDB.

Não houve nada disso, garante o líder na Câmara, Geddel Vieira Lima. Os dois senadores — Amir Lando e Casildo Maldaner — já vinham querendo assinar e o fizeram por razões pessoais ou de política local. Maldaner, por exemplo, estaria sendo criticado pela protelação lá em sua base, Santa Catarina, onde tem no presidente do PFL, Jorge Bornhausen, um impiedoso adversário.

Se ninguém manipulou a crise, e foi tudo coincidência, ela simplesmente voltou, como tem voltado sempre. Muito provavelmente não haverá CPI, o governo jogará pesado mais uma vez. Prefere o desgaste que sofre ao evitá-la ao risco de enfrentá-la. O próprio presidente repetiu ontem o de sempre: tudo está sendo investigado, nada de contaminar o momento econômico com CPIs de notório objetivo político-eleitoral.

Já o Senado existe além do governo. É hoje uma instituição republicada de conceito abalado. Não vencerá sua própria crise recorrendo aos mesmos métodos do governo.